

Almada

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

ESPECIAL Pág. 57

A ARQUEOLOGIA E AS OUTRAS CIÊNCIAS

O SÍTIO ROMANO DA COMENDA Pág. 7

O NEOLÍTICO E AS ORIGENS DO MEGALITISMO Pág. 29

OLARIAS DE LOUÇA E AZULEJO DE SANTOS-O-VELHO Pág. 103

Pág. 169

REGIMENTO PARA
A ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO DE ALMADA (1771)

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA



Jorge Raposo 4 Editorial

Laurent Caron 5 As estelas funerárias de Cárquere

Laura Trindade & A. M. Dias Diogo 7 O sítio romano da Comenda (Setúbal)

Eurico Sepúlveda 13 Terra sigillata tardo-itélica proveniente de Tróia (Setúbal)

João Paulo Pereira 18 Artefactos líticos, traceologia e efeitos pós-deposicionais

A. Martínez Cortizas & C. Llana Rodríguez 23 Contextualización espacio-temporal de los Yacimientos al aire libre en Galicia

Joaquina Soares 37 O Neolítico e as origens do megalitismo

Lino Tavares Dias 46 Contributo para avaliação da Escola Profissional de Arqueologia

Maria M. B. de Magalhães Ramalho 50 A Arqueologia da Arquitectura

Manuel João Senos Matias 58 A prospecção geofísica e a Arqueologia

Vasco Gil Mantas 62 Arqueologia e teledetecção

João Luís Cardoso 70 A Geoarqueologia: fundamentos e métodos

João Luís Cardoso 78 Objectivos e princípios metodológicos da Arqueozologia

Carlos Tavares da Silva 89 Malacofauna e Arqueologia

José Eduardo Mateus 96 Arqueologia da Paisagem e Paleocologia

António M. Monge Soares 109 Métodos de datação

António M. Monge Soares 116 A datação pelo radiocarbono

João M. Peixoto Cabral 122 Caracterização de materiais arqueológicos: I. alimentos e reconstituição de dietas

Eugénia Cunha 131 Viajar no tempo através dos ossos: a investigação paleobiológica

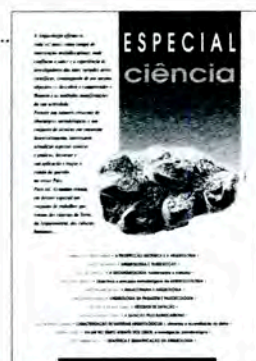
Nuno Ferreira Bicho 142 Estatística e quantificação em Arqueologia

Leonardo Charréu 148 O Coro Alto de D. Fernando no mosteiro franciscano de Santarém

António Celso Mangucci 155 Olarias de louça e azulejo de Santos-o-Velho (séculos XVI-XVIII)

Mário Fernandes 169 Regimento para a administração do concelho de Almada (1771)

180 Livros 188 Actividade científica 196 Actividade arqueológica 202 Notícias 207 Coroatón 210 Dos jornais



Quando, em 17 de Novembro de 1979, cerca de uma centena de investigadores e estudantes se reuniram nas Faculdades de Letras e de Ciências do Porto para uma mesa-redonda intitulada *Contribuição das ciências naturais e exactas à Pré-história e à Arqueologia*, formularam três desejos: que as comunicações apresentadas pudessem ser rapidamente editadas e divulgadas; que se desenvolvesse a reflexão multidisciplinar entre a Arqueologia e as outras ciências; que se criassem em Portugal infraestruturas técnicas de suporte à actividade arqueológica, nomeadamente ao nível da prospecção geofísica e de laboratórios de Palinologia e de datação pelo ^{14}C .

Dois anos depois, precisamente há década e meia ¹, cumpria-se o primeiro desses votos com a publicação de um conjunto de trabalhos centrados no que então se consideravam as questões *"mais urgentes que se levantam à nossa Arqueologia: problemas ligados à prospecção (emprego e interpretação de fotografias aéreas, métodos eléctricos e eléctrico-magnéticos de detecção...), ao estudo do meio-ambiente (climas, faunas, floras...), aos métodos de datação, aos contributos da Antropologia física, das análises físicas, das indústrias (petrografia, metalogenia...), aplicações das Matemáticas à Arqueologia, etc."* ²

Quanto aos restantes dois aspectos, a simples lógica do senso comum leva a admitir que a prática científica portuguesa tenha propiciado naturais desenvolvimentos em disciplinas que, nalguns casos, apenas atravessavam então um estágio embrionário, ao mesmo tempo que a observação da bibliografia entretanto produzida torna evidente a gradual construção de objectos e metodologias específicas de novas áreas de produção de conhecimento. Contudo, estas considerações não haviam ainda conduzido a uma tentativa de sistematização semelhante à realizada no Porto.

Foi este o desafio que lançámos a alguns colaboradores de *Al-madan*, convidando-os a apresentar o estado da questão quanto às relações entre a Arqueologia e as grandes áreas das restantes Ciências Sociais e Humanas, das Ciências da Terra e da Natureza, da Arqueometria, da Estatística... O resultado é um caderno especial com um diversificado leque de contribuições que abordam fundamentos, objectivos e princípios metodológicos de temáticas como as da geoarqueologia, arqueozoologia, malacofauna e paleoecologia, passando pela prospecção geofísica, teledetecção, métodos de datação e caracterização de materiais arqueológicos, para terminar na paleobiologia e nas técnicas de estatística e quantificação.

Sem pretensões de esgotar um tema que não o permite ³, este é apenas mais um contributo para uma reflexão epistemológica que, respeitando a especificidade das áreas de saber, esbata fronteiras disciplinares e crie condições para que a *"relação arqueólogo-outro cientista se processe num duplo sentido, com mútua vantagem e eventual criação, em comum, de metodologias e conceitos novos"* ⁴.

De qualquer forma, se a realidade dos recursos humanos e das infraestruturas disponíveis é hoje bem mais satisfatória que em 1979, falta ainda percorrer um longo caminho até que os cada vez mais frequentes contactos entre profissionais de diferente formação se traduzam em relações institucionais estáveis e profícuas, conferindo à Arqueologia o seu verdadeiro estatuto de ciência aglutinadora de variadas valências, área por excelência adequada ao estudo do Homem como todo complexo e multifacetado, no plano da cultura material que produziu, das formas de organização social que praticou, das construções simbólicas e das representações que criou.

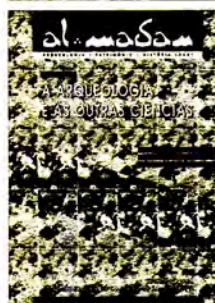
Jorge Raposo

¹ Ver *Arqueologia* (1981), nº 4, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

² ROCHE, Jean, "Apresentação", in ob. cit.: 2.

³ A propósito de uma área aqui não explorada, veja-se o exemplo recente do excelente diálogo que o Prof. Jorge Alarcão estabelece entre a teoria arqueológica e os paradigmas mais comuns à História, à Antropologia e à Sociologia — "A Arqueologia e o Tempo" (1995), in *Conimbriga*, 32-33 (1993-1994): 9-56.

⁴ JORGE, Vitor Oliveira, "O que pedem os arqueólogos aos outros cientistas?", in *Arqueologia* (1981), nº 4: 5.



CAPA:

Lâmina delgada de fragmento de biotilita procedente de esteio do monumento de Vale Rodrigo I (Évora).
Reconstituição de imagem obtida com polarizador, sobreposta de lâmina em que, para cada zona, se utilizaram polarizadores cruzados (seg. DEIN, Wolfgang, KUI, Philine & VORSCHE, Walter, 1991, "Geologisch-Petrographische Untersuchungen an Megalithgräbern Portugals", in *Monatsh. Mitt.*, 32: 1-28).
Imagens obtidas pelo último dos autores.

Al-madan • 1ª Série, nº 5 • Outubro 1996

Propriedade: Centro de Arqueologia de Almada • Apartado 603 (PRAGAL) • 2801 ALMADA CODEX • Tel/Fax: (01) 276 69 75

Registo de Imprensa: 108998 ISSN: 0871-066X **Depósito Legal:** 92457/95 **Director:** Jorge Raposo **Conselho Científico:** Amílcar Guerra, António Nabais, Luís Raposo, Carlos M. da Silva e C. Tavares da Silva **Redacção:** Ana Luísa Duarte, Elisabete Gonçalves, Jorge Raposo, Armando Sabrosa e Francisco Silva

Colaboram neste número: Maria T. Araújo, Nuno F. Bicho, Rui E. Botas, Maria F. Boto, J. Peixoto Cabral, Guilherme Cardoso, João L. Cardoso, Laurent Caron, Leonardo Charréu, Paula Cordeiro, Eugénia Cunha, Lino T. Dias, A. Dias Diogo, José d'Encarnação, Carlos Fabião, Isabel C. Fernandes, Mário Fernandes, Philine Kalb, C. Llana Rodríguez, A. Celso Mangucci, V. Gil Mantas, João A. Marques, Paulo Mártires, José E. Mateus, A. Martínez Cortizas, M. Senos Matias, J. Paulo Pereira, Salette da Ponte, Maria M. Ramalho, Ana L. Santos, Vitor Santos, Eurico Sepúlveda, Ana M. Silva, António M. Silva, Carlos M. Silva, Carlos T. da Silva, A. Monge Soares, Joaquina Soares, Laura Trindade, Cláudia Umbelino e Walter Vortisch

Apoio Administrativo: Mónica Samões e Ana Valente **Tradução:** Luís Gouveia e Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel Santos (francês)

Modelo Gráfico: Jorge Raposo e Paulo Buchinho **Paginação electrónica:** Jorge Raposo **Ilustração:** Jorge Raposo e Vera Almeida **Cartoon:** José Santos

Revisão: António Cristo, Ana L. Duarte, M. Graziela Duarte, Elisabete Gonçalves, Fernanda Lourenço, A. Celso Mangucci e Francisco Silva

Fotolito: Roseta **Impressão:** Tipografia Lugo **Tiragem:** 2 000 exemplares **Periodicidade:** Anual

Apoios: Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto Português da Juventude, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Câmara Municipal do Seixal, Câmara Municipal de Almada e Região de Turismo de Setúbal

SOLICITA-SE PERMUTA • ON PRIE L'ÉCHANGE • EXCHANGE WANTED • TAUSCHVERKEHR ERWÜNSCHT • SOLICITIAMO SCAMBIO

na busca de um passado comum

O NEOLÍTICO E AS ORIGENS DO MEGALITISMO

por Joaquina Soares (*)

Introdução

Em cenário de globalização da economia à escala planetária, a Europa Ocidental tende a assumir-se como um bloco hegemónico, com capacidade para integrar a diversidade dos seus estados-nações e sublimar a intensa conflitualidade que atravessa a sua história. Refazer essa história, enfatizando as comunicações, parece ser um esforço necessário à criação de um capital simbólico suficientemente forte para legitimar o novo poder político que teoricamente emana da totalidade dos países envolvidos no programa de construção da Comunidade Europeia. Como expressão dessa filosofia integradora poderíamos citar a Campanha sobre a Idade do Bronze ou a Primeira Idade de Ouro da Europa, da iniciativa do Conselho da Europa, assinada em Portugal através de exposição e de colóquio subordinado ao tema "Existe uma Idade do Bronze Atlântico?", o qual pretendia abordar a problemática da rede de trocas em domínio atlântico, durante o 2º e inícios do 1º milénios a.C. Essas manifestações foram desenvolvidas directamente pela Secretaria de Estado da Cultura (1995).

Debruçado sobre a Europa Atlântica, em uma perspectiva regional e mais uma vez transversal aos territórios e políticas nacionais, ocorreu recentemente, em Santiago de Compostela (Março de 1996), um colóquio internacional sobre *O Neolítico Atlântico e as Origens do Megalitismo* que, embora ditado pela mesma filosofia, espelha de forma mais genuína que a reunião científica anteriormente citada as clivagens intra-regionais e as condições sociais de produção

científica vigentes, pois a iniciativa partiu de entidades não governamentais, como a Universidade de Santiago de Compostela e a UISPP. Por outro lado, abrangendo uma região actualmente periférica no quadro da Europa Ocidental, não deixa de ser interessante ler a iniciativa enquanto acção mobilizadora de um património cultural sem dúvida impressivo, ao serviço da conquista de maior protagonismo da fachada atlântica, no contexto da Europa das Regiões: a última fronteira do Neolítico europeu é também o berço do mais pujante Megalitismo. Como afirmava Jean Guilaine na conferência inaugural do Colóquio, se as terras atlânticas ficaram a dever a introdução da agricultura e criação de gado ao mundo mediterrâneo, nos estádios pré-megalíticos registar-se-iam "[...] *d'évidents processus de symétrie*" e, na fase megalítica, mais tarde no Mediterrâneo, o Atlântico mostra um momento de grande originalidade cultural. O enfoque da interacção dos mundos mediterrâneo e atlântico marcou a inauguração do Colóquio; o seu encerramento não foi, porém, assinalado pela afirmação de uma clara unidade cultural atlântica, facto imputável a ausências mais do que à realidade arqueológica. Mau grado as boas intenções, estiveram claramente sub-representadas ou mesmo ausentes as áreas atlânticas menos periféricas do actual mapa de desenvolvimento económico-social como a Suécia, Dinamarca e Grã-Bretanha. A análise do volume de resumos das intervenções, no total de 56, mostra que sobre o Noroeste europeu versaram somente seis textos (11%) e que metade deles respeitava à Irlanda. A França

ABSTRACT

Further reflections on the debate that took place at the international conference for *The Atlantic Neolithic and the Origins of the Megalithism*, in Santiago de Compostela (Spain, March, 1996).

The origins of Megalithism, megalithic diachrony and the role of Megalithism in the consolidation of the peasant societies of Western Europe.

RÉSUMÉ

Réflexion autour du débat qui s'est tenu lors du colloque international réalisé à Santiago de Compostela (Espagne, Mars 1996), portant sur le thème *Le Néolithique Atlantique et les origines du Mégalithisme*.

Approche des origines du mégalithisme, de la diachronie mégalithique et de son rôle dans la consolidation des sociétés paysannes de l'occident européen.

(*) Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

atlântica esteve, pelo contrário, muito bem representada, com 9 comunicações (16%). A Espanha, como era de esperar, dominou o Colóquio, com 26 textos (46%). A Portugal cabem 5 textos (9%), representação muito razoável que seria aumentada por uma comunicação que não consta do volume de resumos. De sublinhar, no que concerne a Portugal, a quase ausência da região a norte do Douro. Efeitos perversos da excessiva visibilidade mediática e política do recentemente descoberto complexo de gravuras rupestres de Foz Côa, que tem absorvido não só muitos recursos humanos como grande parte do já de si depauperado orçamento para actividades arqueológicas do IPPAR-IPA?



↑ Figura 1:

Cemitérios mesolíticos na Europa Atlântica (seg. ZVELEBIL & ROWLEY-CONWY, 1986).

Os textos de carácter genérico, e, em geral, de grande abrangência espacial, ocupam cerca de 18%. Um deles excede mesmo as expectativas, ao centrar-se sobre o Megalitismo do Cáucaso, onde procura surpreender relações com o da Europa Atlântica: "Dolmens with porthole-slabs. The megalithic constructions in the Caucasus and their relation with the Atlantic region", por Svend Hansen. A explicação para a produção desta comunicação, visivelmente excêntrica, parece residir no interesse que a Escandinávia, e em particular a Dinamarca, colocam no alargamento da sua área de influência para leste, quer

em direcção às novas repúblicas bálticas, quer para áreas bem mais distantes do antigo domínio soviético.

Reuniões científicas, não governamentalizadas, de âmbito internacional, têm o enorme mérito de provocar o encontro e o debate entre investigadores, de alargar as redes de informação, de as dinamizar e, inclusivamente, de gerar, mesmo que fugazmente, poder de cidadania supra-nacional.

Mas seria ingénuo pensar que a sua organização e os resultados que produzem são alheios às vicissitudes do actual contexto económico-social e do enquadramento geo-estratégico do espaço onde decorre a acção. As clivagens económico-sociais e culturais que separam países do centro e da periferia na Europa Ocidental e colocam em confronto, nos países desenvolvidos, regiões pobres e regiões ricas, fizeram-se sentir, mesmo que por ausências, e contribuíram, de forma discreta, para a modelação da reunião.

A comunicação sobre problemática geral, em torno do Megalitismo atlântico, apresentada por Roger Joussaume, sublinha precisamente o limitado conhecimento acerca dos regionalismos: "Il faudrait y ajouter les problèmes particuliers liés aux régionalismes. Peut-être ne les connaissons-nous pas aussi bien et cela surtout parce que l'information ne circule pas très bien entre tous les chercheurs concernés par le mégalithisme de l'Europe. Il faudra oeuvrer pour une meilleure communication internationale".

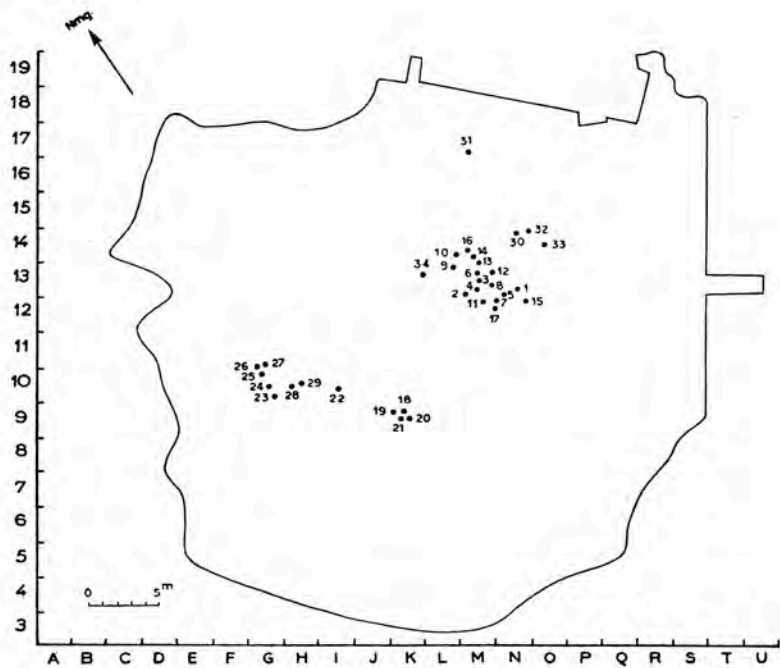
Rasgando novas avenidas para a investigação e mobilização do património megalítico, este Colóquio poderá conduzir à criação de novas narrativas sobre esse Passado difícil de manter no pretérito. Citemos as palavras de Cornelius J. Holtorf: "Whenever a megalith is not just forgotten, which hardly ever happens, it experiences second and third and fourth... origins. Cultural memory transforms the meaning of existing monuments with intentions for the future, and retrospective memory then turns into prospective memory: the past".

O Passado, materializado em lugares que actuam como centros de actividade de lazer e do pensamento contemporâneos, tem, com efeito, nos monumentos megalíticos da Europa Ocidental, uma das suas expressões mais relevantes. A arquitectura megalítica, enquanto meio de comunicação ao serviço da superação dos conflitos inerentes à profunda mudança ocorrida nas sociedades humanas do Ocidente europeu no decurso do processo de neolitização, assume-se como um fenómeno de grande transversalidade espacial, permitindo, sem ignorar as especificidades locais, dar

forma à ideia de Passado Comum de que as actuais condições imagético-simbólicas de produção parecem carecer.

As origens do Megalitismo

A problemática das origens do Megalitismo, tema central do Colóquio, foi expressamente abordada em 15 das 56 comunicações. Pensamos não correr grandes riscos ao afirmar que se gerou algum consenso quanto à atribuição das primeiras manifestações megalíticas a sociedades plenamente agro-pastoris, do Neolítico médio; no seu conjunto, aquelas manifestações materializariam superestruturas funerário/ideológicas ao serviço da consolidação da nova organização social neolítica, de tipo segmentário, integrante do modo de produção doméstico, e consubstanciariam as noções de territorialidade, de tempo cíclico e do cosmos associadas ao sistema económico-social emergente. Esses lugares construídos acumulariam importante capital simbólico que iria interagir com todos os aspectos da vida das populações e revelaria capacidade de justificar a criação de hierarquização social em estádios evoluídos do processo de "necropolização da paisagem". Aglutinadas sob a ideia central exposta, as manifestações megalíticas mostram-se por vezes funcionalmente diversificadas, mesmo especializadas (por exemplo, menires de "sinalização" de dolmens de corredor) e apresentam nítida variabilidade regional (Fig. 5) e diacrónica. Em comum, mais do que as soluções morfotécnicas, a ideologia megalítica: "Dans le Médoc, l'occupation néolithique est désormais fort bien représentée, du Néolithique ancien au Néolithique final inclus. Et pourtant, sur les

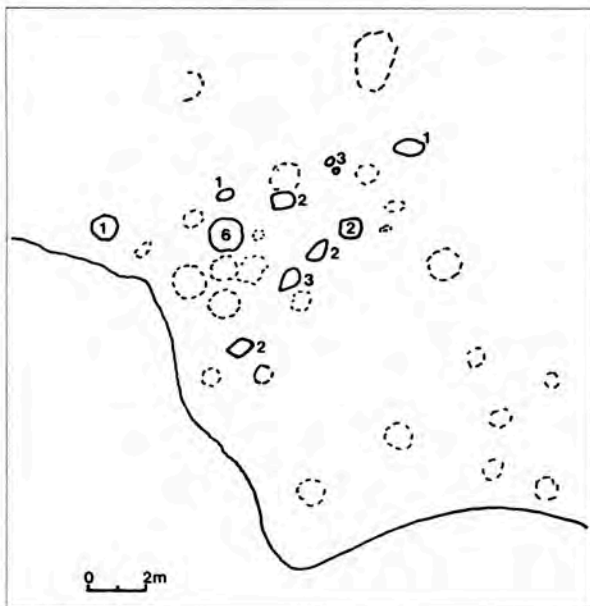


↑ Figura 2:

Planta esquemática do cemitério mesolítico de Moita do Sebastião (seg. Roche, 1972).

cartes de répartition des mégalithes, cette région ne révèle pas une intense activité mégalithique, surtout si on la compare à d'autres régions atlantiques de la France, comme la Vendée ou la Bretagne [...]. Faut-il envisager la prévalence de rites funéraires différents, dans des sociétés où le rôle social et religieux du mégalithisme aurait pu être dévolu à d'autres formes d'expression?" (ROUSSOT-LARROQUE, 1996: 34-35).

O Megalitismo, enquanto parte integrante de sociedades de tipo segmentário, não pode ser vinculado aos primeiros momentos da neolitização de uma região se este último processo for entendido como a mudança económico-cultural desenvolvida pelas populações mesolíticas autóctones, que levou ao surgimento do modo de produção doméstico. As comunidades que inauguraram o processo de neolitização, organizadas em estruturas sociais que deveriam conservar grande abertura e flexibilidade, derivadas do bando, dificilmente podem ser consideradas as primeiras construtoras de megalitos. Será mais razoável atribuir esse papel às suas sucessoras que, em momento subsequente à assimilação da economia de produção de alimentos, teriam procedido à necessária reestruturação da organização social, agora assente em relações estáveis, fundadas no parentesco, bem adaptadas ao novo sistema económico. Neste contexto, as noções de anterioridade, de passado, de ante-



◆ Figura 3:

Planta esquemática do cemitério mesolítico de Téviec. As sepulturas são representadas a traço contínuo, com indicação do número de inumações. A tracejado, lareiras (seg. PÉQUART et al., 1937).

*“O Megalitismo,
cimento da nova
sociedade
campesina,
pressupõe, assim,
um momento de
neolitização
prévio, de
integração
de inovações
essencialmente
tecno-económicas:
o Neolítico antigo.
E como
captar esse
momento [...]?”*

passado mítico adquirem lugar central na ideologia emergente e resolvem-se privilegiadamente no espaço funerário: complexa manipulação dos restos mortais dos antepassados, construção da “perenidade” para os que estiveram antes, fundaram o grupo, delimitaram e domesticaram o território, lançaram à terra as primeiras sementes. O Megalitismo, cimento da nova sociedade campesina, pressupõe, assim, um momento de neolitização prévio, de integração de inovações essencialmente tecno-económicas: o Neolítico antigo. E como captar esse momento que se pode casar tão bem com o registo arqueológico dos últimos caçadores-recolectores complexos do Ocidente, sejam eles sineenses, mugenses, de Téviec ou de Ertebølle? Como descobrir sob a intensa visibilidade dos gigantes megalitos da Bretanha ou do Alto-Alentejo a modesta volumetria dos sítios do Neolítico antigo se não imaginarmos primeiro a sua existência? Na Galiza, no interior alentejano, no ocidente francês, esforçadamente é certo, está sendo procurado esse Neolítico pré-megalítico que paulatinamente se transfere do estado de pré-figuração teórica para o da realidade arqueológica. A identificação, na base do desenvolvimento da arquitectura megalítica, de uma fase de carácter proto-megalítico, representada por pequenas sepulturas simples, de planta fechada, destinadas a inumações individuais, em áreas tão diversas como Portugal (TAVARES DA SILVA, 1996) e a região de Mecklenburg-Vorpommern (NAGEL, 1996) pode ser lida como a ponte entre Neolítico antigo e o pleno Megalitismo. Atenda-se à pequena câmara, embora já de planta aberta, sob *tumulus*, que precedeu a construção do grande dólmen de corredor de Dombate (La Coruña) (Fig. 6).

Face ao grau de elaboração dos rituais funerários de populações do Mesolítico final da Europa Atlântica, alguns autores defendem que as primeiras manifestações megalíticas poderiam estar na continuação directa daqueles ou, pelo menos, possuírem algum ancoramento simbólico nas referidas práticas funerárias (THOMAS & TILLEY, 1993).

Independentemente dos desfazamentos cronológicos, é evidente a importância conferida ao domínio do funerário em algumas regiões da fachada atlântica, durante o Mesolítico final. A expressão mais saliente é constituída por cemitérios integrados em amplos estabelecimentos habitacionais (Figs. 1-3). No sítio mesolítico de Moita do Sebastião (Muge), datado da 2ª metade do VIII milénio BP, foram identificadas 34 sepulturas não ou pouco estruturadas (fossas), com uma ou mais inumações. O ritual funerário incluía a utilização de ocre e fogo e impunha normas de preparação dos defuntos como a flexão forçada das pernas sobre o tronco (posição fetal) e a deposição em decúbito lateral, com a cabeça artificialmente elevada.

Os mortos eram acompanhados por raros artefactos, sobretudo adornos elaborados a partir de conchas. Registaram-se indícios de prováveis refeições fúnebres (ROCHE, 1972). Os cemitérios dos concheiros de Téviec e Hœdic (meados do VII e primeiro quartel do VI milénios BP), no Morbihan, mostram rituais mais complexos (THOMAS & TILLEY, 1993): inumações singulares ou múltiplas em fossa, e em alguns casos em cistas pétreas com pequena lareira no topo associada a provisões alimentares (peças de caça), cobertas por pequenos *tumuli*; espólio funerário acompanhava os inumados. Estas evidências arqueológicas parecem mostrar importante desenvolvimento dos índices de sociabilidade e encontram-se invariavelmente associadas, quer na Costa Sudoeste Portuguesa, na Bretanha ou no Sul da Escandinávia (Scania), a economias de largo espectro, em processo de intensificação económica, nomeadamente pela via do desenvolvimento da pesca e/ou do armazenamento (os recursos marinhos detêm posição relevante). Praticam estratégias de mobilidade logística e possuem índices de sedentarização relativamente elevados. Estas populações, em situação de *stress*, adoptarão novas formas de intensificação económica como a agricultura, a criação de gado ou a cerâmica. Com elas começa, activamente, o processo de neolitização. O ritmo deste processo depende sobretudo de factores locais/regionais como a situação de equilíbrio/desequilíbrio entre populações, suas estratégias de subsistência e recursos naturais do que propriamente da disponibilidade das inovações neolíticas, em rápida circulação pelo continente europeu. Atenda-se, por exemplo, à fronteira setentrional da distribuição da economia campesina na Suécia, que, estacionada em cerca de 5 000 BP, nas províncias de Uppland, Västmanland, Närke e talvez Dalsland, quase não se deslocou durante o milénio seguinte (AHLFONT *et al.*, 1995).

Em concheiros do Vale do Sado, surgem cerâmicas impressas, algumas com decoração cardial, associadas a conjuntos faunísticos exclusivamente selvagens; em Téviec, foi encontrado um dente de ovicaprino; o concheiro de Beg-an-Dorchenn (Finisterra) forneceu vestígios ósseos atribuíveis a bovino provavelmente doméstico; o final da cultura de Ertebølle mostra a presença de cerâmica e indícios se não da prática, mesmo que experimental, de alguma agricultura incipiente, pelo menos do seu conhecimento: “However, the question remains of whether or not tillage and animal husbandry were introduced during the Ertebølle culture and were of minor economic importance for an initial period. Impressions of seeds in Ertebølle pottery from western Scania show the existence of cereals [...]. Pollen diagrams also reveal pollen of Cerealea type from the Late Atlantic” (LARSSON, 1990: 294). Com efeito, o processo de neo-

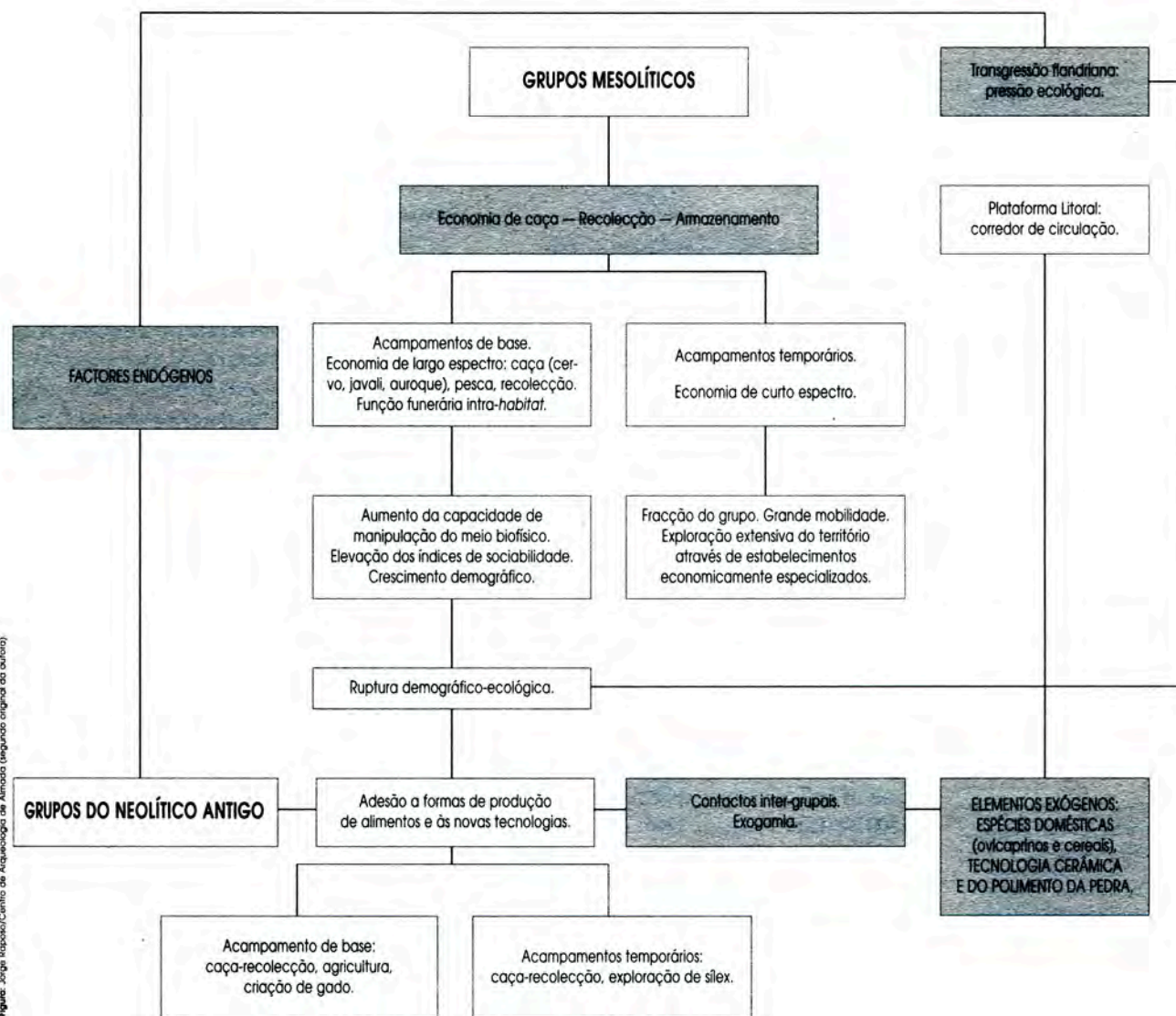


Figura: Jorge Raposo/Centro de Arqueologia de Almada (segundo original do autor)

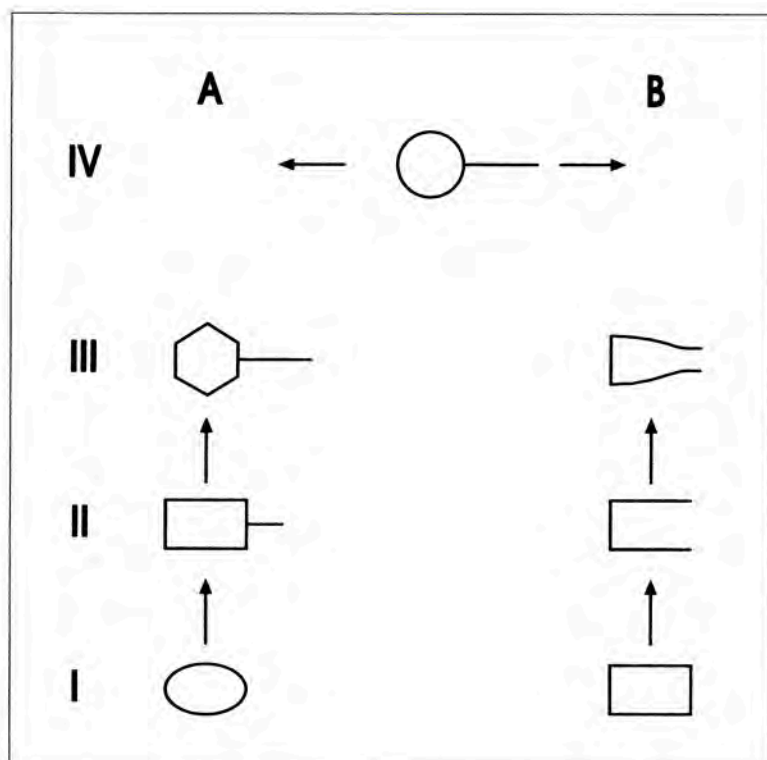
litização no Ocidente europeu parece ter-se iniciado em continuidade com o sistema económico-social dos últimos caçadores-recolectores, mantendo-se, durante o período de transição os mesmos padrões de povoamento e rituais funerários. Porém, na fase subsequente do processo de neolitização, o registo arqueológico dá-nos conta de uma nova realidade marcada por profunda reestruturação social. No espaço funerário artefactualiza-se e legitima-se, então, o princípio da nova formação social, de tipo segmentário. Este espaço dissocia-se do povoado, comportando-se como o oposto da perecibilidade do quotidiano.

Na fachada ocidental da Península Ibérica, os inícios do processo de neolitização (meados e segunda metade do VII milénio BP) (SOARES, 1996) associado à definição de um Neolítico antigo, pré-megalítico (integração das primeiras formas de agricultura e criação de gado e/ou da cerâmica e pedra polida, em

economias de caça-recolecção complexas) (Fig. 4), de fácies mediterrânea, encontra-se bem representado na costa portuguesa, até à latitude de Figueira da Foz e começa a afirmar-se, ultimamente, na baía de Cádiz, em povoados que, na tradição mesolítica, incluem ainda no seu espaço a função funerária (inumações individuais em fossa) (RAMOS *et al.*, 1996). Para norte da Figueira da Foz, a emergência do Neolítico era tradicionalmente associada à do Megalitismo. Presentemente, tal paradigma sofre acentuada crítica, mesmo quando os dados cronológicos tendem a estrangular a faixa temporal entre Mesolítico e Megalitismo, e as evidências arqueológicas escapam às malhas do registo, quer na Galiza quer na cornija cantábrica. Os dados palinológicos de O Rei (Corunha), que apontavam para a presença de pólenes de *Cerealea*, em um nível datado por ^{14}C de 6590 ± 70 BP (CSIC-508) (VAZQUEZ VARELA, 1988) é actualmente objecto de revisão crí-

↑ Figura 4:

Modelo do processo de neolitização na Costa Sudoeste (seg. SOARES, 1996).



↑ Figura 5:

Megalitismo e regionalismos: os casos do Alentejo litoral (A) e do Sul do Baixo-Alentejo (B). A fase inicial encontra-se representada, em ambas as regiões, por pequenas sepulturas de planta fechada e a fase final, por tholoi (seg. TAVARES DA SILVA, 1987).

ca, não merecendo credibilidade; pólenes de cereais em turfeiras da Galiza ocorrem, episodicamente, a partir de 5 500 BP (FÁBREGAS *et al.*, 1996). No que concerne aos abrigos rupestres de A Cunchosa (Pontevedra), é incontornável a evidência de um Neolítico de cerâmicas impressas de filiação cardial/epicardial (SUÁREZ OTERO, 1996), atribuível a meados do VI milénio BP. Teríamos, assim, na Galiza, um Neolítico antigo de curta duração, correspondente aos momentos iniciais do processo de neolitização que o Megalitismo consolidará. Aquela fase inicial deverá ser abordada "[...] en el marco de la transición de grupos cazadores-recolectores parcialmente neolitizados a la verdadera sociedad campesina" (ARIAS CABAL, 1996: 42). Ainda no Norte da Península, uma contribuição relevante para esta problemática (AGUIRRE, 1996) reporta-se à escavação do sítio de ar livre de Pareko Landa, no litoral da Biscaia, onde se identificou uma sequência estratigráfica do Mesolítico-Neolítico antigo.

Também na fachada atlântica francesa, em particular na Bretanha, o Megalitismo, detentor de posição notável na Pré-história recente regional, actuou como écran quase total face a eventuais vestígios do Neolítico antigo. Nos anos oitenta e noventa, paulatinamente, a sul do Loire, o mapa do Neolítico antigo, de afinidades estilísticas cardiais/epicardiais, foi-se preenchendo com sítios como La Lède-du-Gurp, La Balise, Cherac, Les Gouillauds, Le Groin-du-Cou, Batard, entre outros, cuja cronologia se centra nos finais do VII e 1ª metade do VI milénio BP (o conjunto de

datações mais fiável, de 6 100 a 5 600 BP, foi obtido em Lède-du-Gurp) (CASSEN, 1993). Do Loire à Normandia, as manifestações megalíticas parecem desenvolver-se a partir de um Neolítico antigo de carácter epidanubiano (horizonte Cerny), situado cronologicamente entre 5 700 e 5 500 BP (CASSEN, 1993). Da comunicação de Jacques Briard sobre o sítio megalítico de Saint-Just, Ille-et-Vilaine, importa assinalar algumas contribuições para um melhor conhecimento desse Neolítico pré-megalítico: datação da 1ª metade do VI milénio BP obtida para um *foyer* anterior ao menir associado ao dólmen Norte e sepultura em fossa de tipologia inédita na Bretanha, que forneceu materiais cerâmicos afins dos epidanubianos da bacia parisiense e do Centro (grupo de Chambon).

Diacronia megalítica: evolução progressiva ou cíclica?

A problemática da evolução do Megalitismo ocupa uma posição nuclear em oito dos 56 resumos das comunicações ao Colóquio. Regularidades: fase inicial caracterizada por sepulturas simples; fase média, correspondente ao apogeu do gigantismo e da complexidade da arquitectura funerária; fase regressiva, em que se assiste ao declínio da ideologia megalítica. As sepulturas são então de menores dimensões e menos exigentes em investimento construtivo. O monumento de corredor de La Ougue Bei (Jérsei), com o comprimento total de 18m e um *cairn* com 55m de diâmetro e 12m de altura, abandonado, provavelmente, entre 3 250 cal BC e 2 850 cal BC, terá requerido uma força de trabalho da ordem das 200 pessoas (KINNES & HIBBS, 1988), o que implicaria uma dimensão mínima de 800-1 000 pessoas para o grupo de Ougue Bie (PATTON, 1991). A maioria das cistas sob *tumuli* calcolíticas, da mesma região (Channel Islands), poderiam ter sido construídas por 20-50 pessoas, facto que pressuporia a existência de comunidades de menores dimensões, com 100-200 pessoas (PATTON, 1991).

No sul do território português, a perda de importância e de visibilidade do espaço funerário, durante o Calcolítico, tem a sua contrapartida no reforço do investimento nas áreas habitacionais (SOARES & TAVARES DA SILVA, 1992) e parece associar-se a profundas transformações sociais: os mecanismos de hierarquização social e de relativa centralização do poder que os grandes monumentos megalíticos, da fase de apogeu, fazem supor, terão entrado em colapso, abrindo passagem à organização social calcolítica, de escala mais localista. À destruição da anterior estrutura de poder, que as evidências arqueológicas colocavam na via da evolução das sociedades tribais para

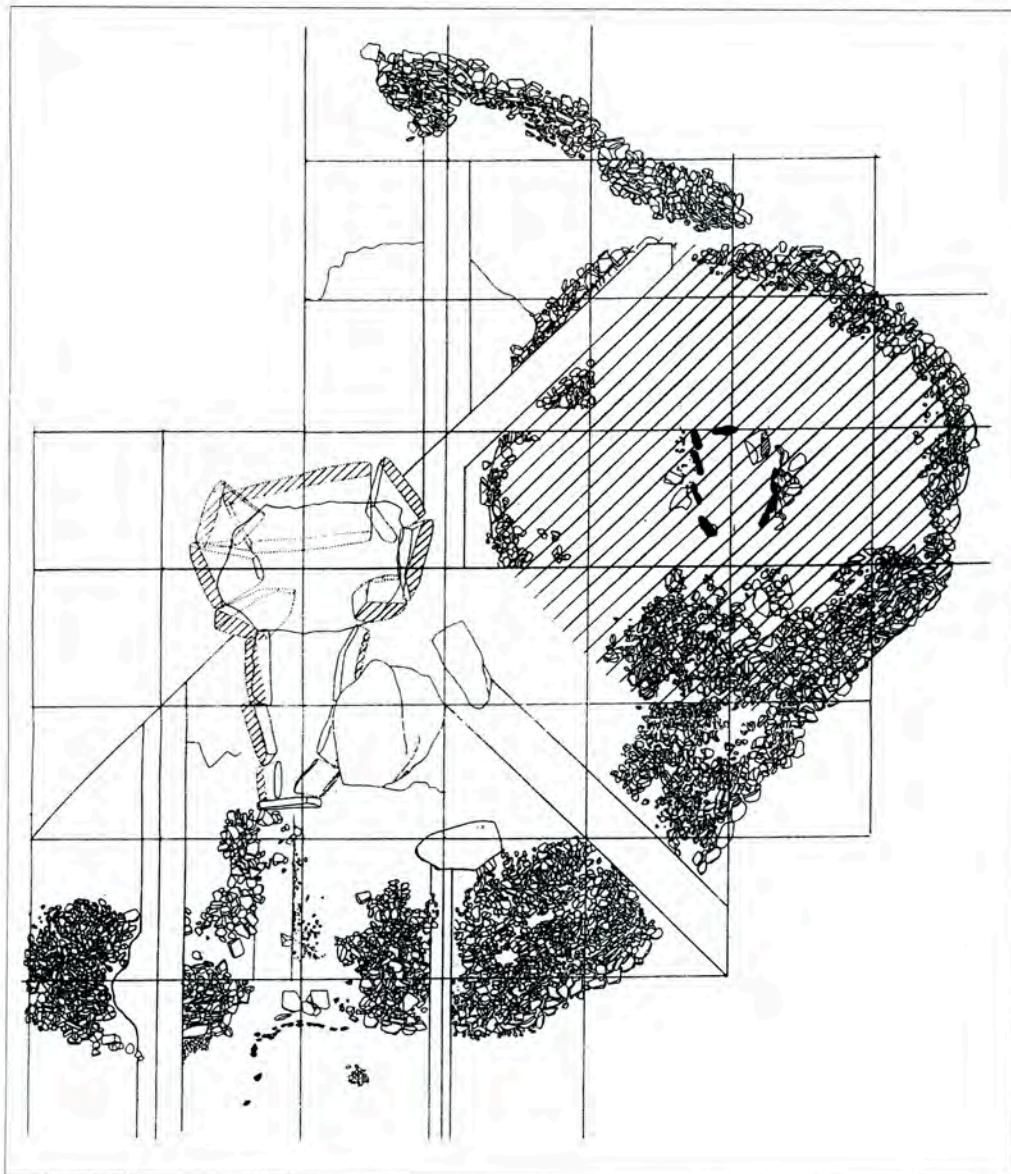


Figura 6:

Planta do complexo megalítico de Dombate, vendo-se a câmara funerária primitiva com o respectivo tumulus e o grande dólmen de corredor que englobou na sua colina tumular o monumento anterior (seg. Bello Diéguez, 1994).

as chefaturas, poderá ter sucedido a emergência de "big men" (SAHLINS, 1963). No território português, cada povoado, sem ser autárquico, tende para uma relativa autonomia. A comunidade calcolítica, basicamente igualitária, exporta o conflito preferencialmente para o nível inter-grupal. A intensa conflitualidade pode ler-se na generalização dos povoados fortificados, pontos focais, por excelência, da actividade e investimento do sobreproduto económico das populações calcolíticas. A sombra daqueles projecta-se sobre o espaço funerário, agora subalternizado, em relação ao da fase anterior. A par de reutilizações, constroem-se sepulturas de tipo tholos menos dispendiosas em trabalho e materiais. Refira-se, a título de exemplo, o tholos OP2b (Reguengos de Monsaraz) datado de $4\,290 \pm 100$ BP (ICEN-955), $4\,180 \pm 80$ BP (ICEN-956) e $4\,130 \pm 60$ BP (ICEN-957) (GONÇALVES, 1994),

e construído como "sepultura secundária" do dólmen 2 do Olival da Pega, após o encerramento definitivo desta grande sepultura de corredor. A profunda mudança cultural associada à emergência do modo de produção calcolítico e à queda da ideologia megalítica pode ser explicada, no Sul de Portugal, pela Revolução dos Produtos Secundários (RPS), de que destacamos a aplicação da força de tracção do gado bovino à agricultura e a utilização do arado e do carro, evidenciada pelas gravuras do santuário exterior do Escoural (GOMES *et al.*, 1983, 1994). Para a fortificação calcolítica sobrejacente obteve-se a data de $4\,260 \pm 90$ BP ($3\,090-2\,590$ cal BC, 2σ) (ICEN-609).

Um aspecto que se salienta da análise dos diferentes textos sobre a problemática da evolução do Megalitismo na Península Ibérica é a constatação de um desenvolvimento não linear e progressivo, mas

cíclico, que ilustramos com uma afirmação de Antón RODRÍGUEZ CASAL (1996: 52): "A partir de mediados del IV milénio [a.C. não calibrado] se assiste a un proceso de colonización de todo el territorio gallego, evidenciado en la extraordinaria abundancia de túmulos [...], que cobijan en su interior dólmenes simples (fase I), dólmenes de corredor (fase de apogeo) y cistas megalíticas, sepulturas tumulares ou fossas (horizonte Rechaba/Monte Campelos, do Megalitismo final)". A semelhantes resultados chegou Mark PATTON (1991), para a Bretanha, defendendo que a mudança social ocorre não através da consolidação e expansão das estruturas de poder existentes mas, pelo contrário, através do seu colapso. A esta perspectiva dialéctica, nós acrescentaríamos expressamente, com base no registo arqueológico do Sul de Portugal, a vertente tecno-económica (RPS) como factor crucial do processo de mudança sócio-cultural.

Tempo de criação megalítica: consolidação das sociedades camponesas do ocidente europeu

Se o Neolítico pré-megalítico possui na Europa Atlântica cronologias diversas, um significativo acerto de relógios parece ter ocorrido no período megalítico: "Within the North East Cotswolds of Southern England, megalithic architecture is first used to create a series of simple tombs around the start of the 4th millenium BC [...]. In contrast to the simple tombs, the design of the first long cairns could have served to both unite and conceal the differences of various social units or sub-groups [...]. It is concluded that the simple tombs and settlements belong to a non-monumental phase of the Neolithic (4 000-3 700 cal BC), before the wide spread construction of causewayed enclosures and the use of more monumental architecture" (BARCLAY, 1996: 19-20).

Para o NW de França as questões diacrónicas e cronológicas não estiveram propriamente em foco, registando-se uma preferência pela problemática do significado das realizações megalíticas. De recordar, no entanto, a datação ^{14}C das lareiras anteriores ao *cairn* de Table des Marchands de 4 020 a 3 730 cal BC e as datas atribuídas aos túmulos de Carnac a partir dos seus conteúdos artefactuais (4 250-3 250 cal BC) (PATTON, 1991).

Na Galiza, o momento de maior desenvolvimento da arquitectura megalítica encontra-se datado entre os inícios e o 3º quartel do V milénio BP. A construção do monumento de corredor de Dombate foi datada por radiocarbono dos inícios do V milénio BP, 4 918±46 BP, 3 789-3 637 cal BC a 2σ (CSIC 890 e 891); as primeiras utilizações da entrada do monu-

mento, de 4 439±12 BP, 3 100-3 030 cal BC a 2σ (CSIC 893, 939, 940, 941, 942, 944, 963) e o encerramento definitivo da porta do corredor, de 4 205±29 BP, 2 817-2 691 cal BC a 2σ (CSIC 892 e 948) (ALONSO & BELLO, 1996: 56-57).

Em Portugal, a um momento imediatamente posterior à fase proto-megalítica pertencem as primeiras sepulturas megalíticas de corredor incipiente, como a anta 1 do Poço da Gateira (Reguengos de Monsaraz), datada por termoluminescência de 4 510±360 AC (OxTL 169b). A estas sepulturas de corredor que assinalam a generalização do ritual funerário colectivo associam-se povoados abertos, pouco estáveis, como o da Fábrica de Celulose (Mourão) (SOARES & TAVARES DA SILVA, 1992). Em termos ergológicos assiste-se ao desenvolvimento da indústria em pedra polida e bojadada (elementos de mó) e à rarefacção da indústria em pedra lascada, em geral representada nos *habitats* por estreitas lâminas não retocadas e nos sepulcros por lâminas e geométricos trapezoidais. São muito característicos desta fase recipientes de formas esféricas decorados por um sulco horizontal localizado imediatamente abaixo do bordo, na parede externa do recipiente, a qual pode apresentar pintura a almagre; de um modo geral regista-se acentuado decréscimo da decoração cerâmica.

Durante o Neolítico médio, face à fraca visibilidade dos *habitats* e relativa escassez de elementos da cultura material cronologicamente discriminantes, as tentativas de captação do devir histórico parecem ser mais profícuas quando dirigidas para o espaço funerário, palco onde se representou ou onde melhor podemos representar o "auto" da criação da sociedade camponesa. A uma fase avançada do Neolítico médio parece corresponder a construção de sepulturas mais monumentais como o dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira-Guarda). A utilização primária da câmara do monumento encontra-se datada de 4 850±40 BP (GrN-5110) e de 4 590±65 BP (Hv-s/nº). Calibradas a 2 sigma, fornecem o seguinte intervalo: 3 775-3 100 cal BC. Recentemente, obtiveram-se datações para carvões recolhidos imediatamente sob um dos esteios da câmara que poderão corresponder à fase construtiva ou, indicar um *terminus post quem* para essa construção: 5 125±70 BP (OxA-3 733) e 5 120±40 BP (TO-3 336). Calibradas a 2 sigma, fornecem o seguinte intervalo: 4 213-3 780 cal BC (VILAÇA & CRUZ, 1994).

No Neolítico final (curto período que centramos entre 4 600 BP e 4 400 BP, 2º metade do IV milénio cal BC), muito embora os povoados possuam maior visibilidade que no período anterior, continua a ser nos monumentos funerários que melhor se espelha a estrutura social neolítica. Aí deparamos com os mecanismos de competição pelo poder. A desigualdade social parece ter-se radicado na apropriação individual

ou restrita do "capital" simbólico acumulado naqueles espaços. Acumulação potenciadora de complexidade social no quadro da RPS. Esta deu futuro às formações agro-pastoris através da efectiva integração da agricultura e criação de gado e abriu caminho às sociedades complexas. A construção dos grandes dolmens alentejanos como a Anta Grande do Zambujeiro encontra as condições necessárias nos excedentes propiciados pelos ganhos de produtividade aportados pela RPS. O reforço da estrutura social linhageira e a crescente competição entre linhagens de maior prestígio justificariam (condição suficiente) a procura de economias do simbólico.



Bibliografia sumária

- AGUIRRE RUIZ DE GOPEGUI, M. & LÓPEZ QUINTANA, J. C., 1996, "Patrones de asentamiento en el Neolítico del Litoral vizcaiano", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 44.
- AHLFON, K.; GUINARD, M.; GUSTAFSSON, E.; OLSON, C. & WELINDER, S., 1995, "Patterns of Neolithic Farming in Sweden", *Tor*, 27-1: 133-184.
- ALONSO, F. & BELLO DIÉGUEZ, J.M., 1996, "Cronología y periodización del fenómeno megalítico en Galicia a la luz de las dataciones por Carbono 14", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 56-58.
- ARIAS CABAL, P., 1996, "Nacimiento o Consolidación? El papel del fenómeno megalítico en los procesos de neolitización de la región cantábrica", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 42.
- BARCLAY, A., 1996, "The Portal Dolmens of North Cotswolds: symbolism, architecture and the transformation of the earliest Neolithic (4000-3700 cal BC)", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 19-20.
- BELLO DIÉGUEZ, J.M., 1994, "Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabana, La Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental? Aspectos taxonomicos y cronologicos", *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*, Viseu, CEPBA: 287-304.
- BRIARD, J., 1996, "Le Néolithique ancien de Saint-Just, Ille-et-Vilaine, et ses relations avec l'Épidaubien parisien", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 29.
- CASSEN, S., 1996, "Le Néolithique le plus ancien de la façade atlantique de la France", *Munibe*, 45: 119-129.
- FÁBREGAS, R.; FERNÁNDEZ C. & RAMIL, P., 1996, "La adopción de la economía productora en el Noroeste", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 53-54.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha, 1983, "O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora)", *Zephyrus*, 36: 287-307.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha, 1994, "O santuário exterior do Escoural-Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora)", *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 93-108.
- GONÇALVES, V., 1994, "O Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas", *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*, Viseu, CEPBA: 115-135.
- GUILAINE, J., 1996, "La Méditerranée et l'Atlantique. Influx, symétries, divergences au fil du Néolithique", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 2-3.
- HOLTORF, C.J., 1996, "Beyond chronographies of Megaliths: Understanding Monumental Time and Cultural Memory", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 14.
- JOUSSAUME, R., 1996, "Le mégalithisme atlantique: problèmes et méthodes", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 5-6.
- KINNES, I.A. & HIBBS, J.L., 1988, *The dolmens of Jersey*. Jersey, La Haule Books/Channel Television.
- LARSSON, L., 1990, "The Mesolithic of Southern Scandinavia", *Journal of World Prehistory*, 4-3: 257-309.
- NAGEL, E., 1996, "The megalithic graves in Mecklenburg-Vorpommern", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 24-25.
- NEOLÍTICO (O) Atlântico e as Orixes do Megalitismo. Resumos de Conferências. Relatórios e Comunicações*, 1996, Santiago de Compostela.
- PATTON, M., 1991, "Dynamics of cultural change in Neolithic communities: an Armorican case-study", *Institute of Archaeology Bulletin*, 27: 61-85.
- PÉQUART, M.; PÉQUART, S.J.; BOULE, M. & VALLOIS, H., 1937, *Téviec, Station-Nécropole du Mésolithique du Morbihan*, Paris, Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, XVIII.
- RAMOS, J.; LAZARICH, M.; CASTAÑEDA, V.M. & BLANES, M.C., 1996, "Los inicios de la economía de producción en la bahía de Cádiz", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 71.
- ROCHE, J., 1972, *Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal)*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.
- RODRÍGUEZ CASAL, A.A., 1996, "Neolitización e Megalitismo en Galicia", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 52.
- ROUSSOT-LARROQUE, J., 1996, "Le Néolithique du Médoc (Gironde) et les racines du Mégalithisme", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 34-35.
- SHALINS, M., 1963, "Poor man, rich man, big man, chief: political types in Melanesia and Polynesia", *Comparative studies in Society and History*, 5: 285-303.
- SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C., 1992, "Para o conhecimento dos povoados do Megalitismo de Reguengos", *Setúbal Arqueológica*, IX-X: 37-88.
- SOARES, J., 1992, "Les territorialités produites sur le litoral Centre-Sud du Portugal au cours du processus de néolithisation", *Setúbal Arqueológica*, IX-X: 17-35.
- SOARES, J., 1995, "Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências", *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. VI (Trabalhos de Antropologia e Etnologia...) Porto: 27-45.
- SOARES, J., 1996, "A transição para as formações sociais neolíticas na Costa Sudoeste Portuguesa", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 66.
- SUÁREZ OTERO, J., 1996, "El yacimiento de A Cunchosa y el Neolítico en Galicia. Primera aproximación al contexto cultural de la aparición del Megalitismo en Galicia", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 55.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1983, "Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém)", *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1: 63-88.
- TAVARES DA SILVA, C., 1987, "Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal)", *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Madrid, Ministério da Cultura: 85-93.
- TAVARES DA SILVA, C., 1993, "O Neolítico Antigo", *Pré-história de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta: 149-165.
- TAVARES DA SILVA, C., 1996, "O Neolítico e a Origem do Megalitismo no Sul de Portugal", in *NEOLÍTICO (O) Atlântico...*: 65.
- THOMAS, J. & TILLEY, C., 1993, "The Axe and the Torso: Symbolic Structures in the Neolithic of Brittany", in C. TILLEY (ed.), *Interpretative Archaeology*, Oxford, Berg Publishers: 225-324.
- VÁZQUEZ VARELA, J.M., 1988, "El Neolítico en Galicia", in P. LÓPEZ (coord.), *El Neolítico en España*, Madrid, Ediciones Cátedra: 329-335.
- VILAÇA, R. & CRUZ, J. Domingos, 1994, "O dólmen 1 do Carapito (Aguar da Beira, Guarda): Novas datações de Carbono 14", *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*, Viseu: 63-68.
- ZVELEBIL, M. & ROWLEY-CONWY, P., 1986, "Foragers and Farmers in Atlantic Europe", in M. ZVELEBIL (ed.), *Hunters in Transition*, Cambridge, Cambridge University Press: 67-94.